



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – HAB. JORNALISMO**

KISLANA RODRIGUES RAMOS DA SILVA

Literatura e Jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra *Chico Mendes: crime e castigo* de Zuenir Ventura

CAMPINA GRANDE – PB
2012

KISLANA RODRIGUES RAMOS DA SILVA

Literatura e Jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra *Chico Mendes: crime e castigo* de Zuenir Ventura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Ms. Hipólito de Sousa Lucena

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

S586l Silva, Kislana Rodrigues Ramos da.

Literatura e jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra Chico Mendes: crime e castigo de Zuenir Ventura./ Kislana Rodrigues Ramos da Silva. – 2012.

26 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Prof. Ms. Hipólito de Sousa Lucena, Departamento de Comunicação Social”.

1. Jornalismo literário. 2. Zuenir Ventura. 3. Literatura. 4. Jornalismo 5. Convergência I. Título.

21. ed. CDD 070.4

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO FINAL DO TCC

ALUNO	20121 <i>Opinao</i>	MATRÍCULA
KISLANA RODRIGUES RAMOS DA SILVA		091275296
TÍTULO		
LITERATURA E JORNALISMO: UM ESTUDO SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO E ANÁLISE DA OBRA " CHICO MENDES: CRIME E CASTIGO" DE ZUENIR VENTURA		

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR:

HIPOLITO DE SOUSA LUCENA

1º MEMBRO

SAULO QUEIROZ DE ARAÚJO

2º MEMBRO

EDSON ALVES DE FRANÇA

BANCA EXAMINADORA	NOTAS ATRIBUIDAS
A) PROFESSOR ORIENTADOR	<i>10,0</i>
B) 1º MEMBRO	<i>10,0</i>
C) 2º MEMBRO	<i>10,0</i>
MÉDIA ARITMÉTICA (A+B+C)/3	<i>10,0</i>

NOTA FINAL: *10,0* (*dez, zero*)

DATA: *19* / *12* / *2012*

Online

[Handwritten Signature]

Professor Orientador

Literatura e Jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra *Chico Mendes: crime e castigo* de Zuenir Ventura

SILVA, Kislana Rodrigues Ramos da.¹

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo discutir, dentro de uma perspectiva histórica e teórica, o conceito de jornalismo literário, procurando compreender as características formadoras desse gênero jornalístico a partir das relações entre as áreas do conhecimento jornalismo e literatura. Como parte dos objetivos específicos, faremos um estudo sobre a influência do *New Journalism* através do panorama histórico e crítico, bem como empreenderemos uma breve discussão sobre os modos de fazer jornalismo literário. O *corpus* de análise é formado pelo livro-reportagem *Chico Mendes: crime e castigo*, Zuenir Ventura, publicado em 2003 pela editora Companhia das Letras. A primeira distinção que podemos fazer para entender o jornalismo literário é compreender que não se trata de um jornalismo sobre livros e autores, mas sim, de acordo com as pesquisas que apresentaremos, uma forma de fazer jornalismo baseada na experiência narrativo-estilística da literatura. A metodologia aplicada partiu da revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa dos pressupostos teóricos que contemplarão leituras acerca de jornalismo literário e suas maneiras de apresentação nas perspectivas de Pena (2006), Vilas Boas (2003, 2007), Piza (2008) e Castro (2010). Recorreremos, também, as reflexões sobre a convergência entre literatura e jornalismo apresentada por Bulhões (2007).

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Zuenir Ventura. Literatura. Jornalismo. Convergência.

1- INTRODUÇÃO

A vida não é a que cada um viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.
(Gabriel García Márquez)

O presente trabalho tem por objetivo examinar alguns dos pressupostos teóricos que compreendem o jornalismo literário, procurando evidenciar como são estabelecidas as relações existentes entre jornalismo e literatura. Para o cumprimento desse objetivo, revisitaremos o panorama conceitual de jornalismo literário procurando compreender a influência, através de uma perspectiva histórica, exercida pelo movimento norte-americano do *New Journalism*, no que tange, também, ao impulsionamento de publicações de livros-reportagem.

Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a investigar o uso dos recursos estilísticos e

1 Graduanda em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo (UEPB), mestranda em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB) e graduada em Letras – Habilitação Língua Portuguesa (UEPB).

narrativos da literatura utilizados pelo jornalismo na produção de seus textos. Para isso, o estudo está dividido em três momentos: inicialmente faremos uma reflexão sobre os pontos de convergência entre o jornalismo e a literatura, apresentando, de acordo com Bulhões (2007), que a narratividade é o principal elo existente entre esses dois campos do conhecimento. Na segunda parte, empreenderemos uma revisão bibliográfica sobre as discussões em torno do conceito de jornalismo literário que, para Felipe Pena (2006), trata-se de um gênero jornalístico composto por vários subgêneros, a exemplo da biografia, perfil e livro-reportagem. No terceiro momento, nossa proposta consiste em analisar o livro-reportagem *Chico Mendes: crime e castigo* de Zuenir Ventura, demonstrando as características do jornalismo literário, elencadas anteriormente.

A abordagem teórica contemplará leituras acerca do jornalismo literário e suas maneiras de apresentação, a partir das perspectivas de Pena (2006), Vilas Boas (2003, 2007) e Piza (2008). Recorreremos, também, às reflexões existentes da convergência entre literatura e jornalismo apresentada por Bulhões (2007). Sendo assim, a metodologia aplicada parte, essencialmente, da revisão bibliográfica sobre as discussões teóricas e contextualização histórica do gênero do jornalismo literário.

A intenção, que justifica a proposta desta pesquisa, é dar continuidade aos estudos iniciados, em participação voluntária, no projeto de iniciação científica (2010) proposto pelo Professor Carlos Azevedo Filho, o qual contemplava a pesquisa sobre jornalismo literário e, mais especificamente, a crônica. Assim, como iniciar uma proposta de pesquisa em nível de pós-graduação sobre os modos e representações do jornalismo literário contemporâneo.

Este estudo trata-se, portanto, da busca pela compreensão do significado do conceito de jornalismo literário, a partir dos pontos que percebemos serem norteadores para tal entendimento.

O jornalismo literário se apresenta como uma área de pesquisa em construção. Queremos ressaltar a importância de ampliar os estudos nessa área, principalmente para mostrar as técnicas literárias aliadas aos pilares do jornalismo.

2- LITERATURA E JORNALISMO

Marcelo Bulhões, em *Jornalismo e Literatura em convergência* (2007), apresenta uma discussão sobre quais as distinções e os pontos de convergência entre as áreas do conhecimento jornalismo e literatura. Além de sugerir opções interpretativas para as relações entre os dois campos, mostra a polêmica das discussões sobre os gêneros, tanto na literatura

quanto no jornalismo. Nesse contexto, o caminho percorrido é o de mostrar os pontos de convergência e hibridismo dos gêneros atribuídos ao jornalismo, enfatizando a notícia e a reportagem, e à literatura, destacando o conto e o romance.

Para Bulhões (2007), o panorama das opiniões difundidas até o século XX que destacam a separação entre jornalismo e literatura, principalmente no que diz respeito ao modelo americano de jornalismo, pode ser atribuído à busca pela objetividade. De acordo com o autor, o jornalismo:

Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade (BULHÕES, 2007, p.11).

Dessa forma o jornalismo, de acordo com Bulhões, transformou-se em um tipo de testemunho do “real”, com a intenção de mostrá-lo e compreendê-lo. De acordo com José Marques de Melo (2003), o jornalismo surge como um “processo social que se articula a partir da relação entre organizações formais e coletividades, através de canais de difusão que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos)” (MARQUES MELO, 2003, p.17).

Então, o jornalismo, de acordo com Marques de Melo, é um processo que almeja continuidade, agilidade, velocidade, tudo isso determinado pela atualidade. Nesse sentido, os fatos é que irão gerar o sentido, o fio de ligação, entre o emissor e o receptor, o que pressupõe “velocidade, credibilidade e abrangência” (MARQUES MELO, 2003, p.17).

Diferentemente, na literatura “trata-se de dotar a linguagem verbal de uma dimensão em que ela não é meio, mas fim: tomá-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas. Na literatura, a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções” (BULHÕES, 2007, p.12). Dessa forma, sobre a relação da literatura e o compromisso com o real “pode-se afirmar que a literatura nem chega a representar a realidade, mas recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual” (BULHÕES, 2007, p.14).

Sobre a linguagem literária e visando explicar a concepção clássica de literatura, Domício Proença Filho (2007, p.10) destaca que “a obra literária envolve uma representação e uma visão do mundo, além de uma tomada de posição diante dele”. Assim, o papel do criador da literatura é colocado no centro das atenções, juntamente com a noção de imitação, cópia ou reprodução da natureza (PROENÇA FILHO, 2007). Nesse sentido, o autor explica que:

Paralelamente, o caráter ficcional que, durante longo tempo, foi considerado uma das características básicas do texto de literatura, entendida a ficção como fingimento, resultante do ato de fingir, tem sido posto em questão. Para alguns especialistas contemporâneos, o ficcional não se confunde com o falso: nele se abriga alguma coisa captada da realidade (PROENÇA FILHO, 2007, p.11).

De acordo com esse aspecto citado por Proença filho, podemos perceber um processo de mudança na concepção do literário, classicamente comparado ao fingimento e passando para a noção de que também capta aspectos da realidade. “É consenso ainda, na atualidade, que os aspectos estéticos da obra literária podem ser alcançados por meio do texto e que todos eles têm uma base linguística” (PROENÇA FILHO, 2007, p.11).

A partir dessas questões que aparentemente separam o jornalismo da literatura, veremos a seguir duas das características que apontam para as áreas de convergência: a narratividade e a combinação dos gêneros.

2.1- A narratividade no discurso literário e no discurso jornalístico

Partindo para a zona de convergência entre os dois campos propostos nesse estudo, Marcelo Bulhões afirma que o “ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*.” (BULHÕES, 2007, p.40). Nesse sentido, o autor explica que:

Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro (BULHÕES, 2007, p.40).

As discussões sobre narratividade e temporalidade estão presentes tanto nos estudos literários quanto nos estudos comunicacionais. O teórico russo Tzevan Todorov apresenta, no estudo *As estruturas narrativas* (2006), questões epistemológicas e metodológicas da análise dos elementos estruturais da narrativa e pontos importantes para se pensar em teoria da narrativa. O estudioso contempla duas categorias para a compreensão das narrativas: temporalidade e plano temático. Em primeiro lugar, o domínio que tem a temporalidade em relação à organização da narrativa. Nesse seguimento:

A narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente

não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros (TODOROV, 2006, p. 21-22)

Em relação ao plano temático, Todorov afirma que na literatura os temas são apresentados em duas grandes “redes” que, no primeiro momento, parecem incompatíveis. Explicando essa divisão, podemos “definir a primeira como aquela em que predomina a problemática do homem colocado diante do mundo ou, em termos freudianos, o do sistema percepção-consciência” (TODOROV, 2006, p.22). As relações inter-humanas, que remetem ao sistema de impulso do inconsciente, pertencem a essa segunda rede discutida pelo teórico.

No estudo *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística* (1986), Sodré e Ferrari destacam a reportagem como um gênero jornalístico privilegiado, mostrando o caráter narrativo do gênero, uma vez que é constituída por personagens, ação dramática, descrições de ambiente e tempo, diferenciando-se da literatura pelo seu compromisso com a objetividade informativa. Nesse sentido, sobre a narrativa jornalística, Sodré e Ferrari (1986) explicam que:

A narrativa não é um privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder [...] constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura e na ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.11).

Assim, a dimensão narrativa do texto se apresenta como um ponto em comum entre os gêneros jornalísticos e literários que serão apresentados no próximo tópico de discussão.

2.2- Os gêneros jornalísticos e literários: uma possível convergência

Mikhail Bakhtin desenvolveu estudos sobre os gêneros discursivos nos quais considera como fator importante o dialogismo² do processo comunicativo. Assim, “gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” (MACHADO, 2005, p.152). A relação entre enunciado e esfera de comunicação é norteadora para o entendimento do conceito de gêneros discursivos. Nas palavras do próprio Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (1997):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos

² Definido por Bakhtin como um processo de interação entre os discursos (escritos e orais).

gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p.279).

Nesse sentido, as possibilidades de variedade dos gêneros são tão numerosas quanto à variedade da linguagem na atividade humana. Cada esfera de comunicação “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p.280).

Dominique Maingueneau define gêneros do discurso como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. E ainda completa que “os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social” (MAINGUENEAU, 2004, p. 61).

Abordaremos características dos gêneros: romance, conto, notícia e reportagem, principalmente no que se refere à narratividade. Partimos do pressuposto apresentado por Bulhões (2007) de que a partir da compreensão de narratividade podemos observar a confluência entre jornalismo e literatura nos “gêneros narrativos em prosa”.

Júlio Cortázar, em *Valise de Cronópio* (2006), examina as peculiaridades do conto, mostrando, por exemplo, que na comparação com o romance costuma-se diferenciá-los pela noção de extensão. Dessa forma, “o romance desenvolve-se no papel, e, portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romanceada; por sua vez, o conto parte da noção limite, e, em primeiro lugar, de limite físico” (CORTÁZAR, 2006, p.151). A esse respeito e sobre a escrita do conto, evidencia o autor:

O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário. E isto que assim expresso parece uma metáfora, exprime, contudo, o essencial do método. O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados (CORTÁZAR, 2006, p.152).

Retomando Bulhões (2007, p.42), “parece nos atributos do conto algo que se cruza com os gêneros narrativos essenciais do jornalismo: a notícia e a reportagem”. Atributos que podemos entender como a brevidade narrativa e possibilidades de progressão, onde se observa uma mudança dos estados temporais (BULHÕES, 2007).

Nas considerações de Júlio Cortázar sobre o romance moderno observamos uma propriedade importante a respeito das configurações que este gênero assume sobre a forma de escrita. Diante disso, “o romance enfoca os problemas de sempre com uma intenção nova e

especial: conhecer e apoderar-se do comportamento psicológico humano, e narrar isso, exatamente isso, em vez de consequências fatuais de tal comportamento” (CORTÁZAR, 2006, p.65).

Walter Benjamin, crítico alemão vinculado a Escola de Frankfurt, nos seus estudos sobre literatura aborda as questões do narrador no romance contemporâneo e afirma que “o que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa” (BENJAMIN, 1994, p.201). E ainda podemos destacar uma consideração importante para refletirmos sobre como a noção de narratividade contribui para o entendimento da nossa proposta de compreender a relação entre jornalismo e literatura. Então, de acordo com Benjamin:

A informação só tem valor na hora que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p.204).

Nesse sentido, compreendemos que a proposta da convergência entre jornalismo e literatura contribui para a permanência do texto, no que tange a noção de narratividade.

Sobre as características da reportagem, retomamos a pesquisa de Sodré e Ferrari (1986, p. 15) na qual os autores apresentam as seguintes características como sendo as principais desse gênero: a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; d) objetividade dos fatos narrados.

Nesse sentido, completam os autores sobre “o assunto ou objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 15). Sobre as peculiaridades da notícia, Sodré e Ferrari (1986) explicam que apesar da reportagem e a notícia carregarem uma potencialidade narrativa, não significa que a diferença entre elas esteja apenas na extensão e abrangência dos relatos; é necessário assinalar outras diferenças, principalmente as referentes ao discurso e enunciados. Nesse sentido:

Não se pode esquecer que o discurso de comunicação de massa está subordinado a seu objetivo primordial – a informação – e que, embora possa haver variedade nos enunciados, os dados referenciais ligados a fatos e pessoas assumem proeminência. Isso, tanto no que se refere à notícia como à reportagem. Só que, à notícia, cabe a função essencial de assinalar os acontecimentos, ou seja, tornar público um fato (que implica em algum gênero de ação), através de uma informação (onde se relata a ação em termos compreensíveis) (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 17).

Nesse seguimento, os autores afirmam que noticiar refere-se ao ato de anunciar determinado fato, mesmo que um acontecimento ocorra inúmeras vezes, apenas obterá o caráter de notícia quando ou se for anunciado. Portanto, “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 18).

Diante desse panorama e compreendendo os gêneros discursivos como uma modalidade mutável, propomos uma possibilidade de se pensar à convergência entre esses gêneros a partir das possibilidades da linguagem; observando o caráter estético para a escritura dessas narrativas, conforme Júlio Cortázar evidencia no seguinte trecho:

Se a técnica de cada um diferencia e distingue planos e acentuações dentro desta linguagem, sua base continua sendo a mesma: base *estética* de ajuste entre o que se expõe e sua formulação verbal mais adequada, incluindo e aperfeiçoando todos os recursos da literatura para criar as ilusões verbais do romance, a recriação da paisagem, o sentimento e as paixões por meio de um cuidadoso método racional (CORTÁZAR, 2006, p.69-70).

Na próxima discussão objetivamos destacar algumas das principais pesquisas e teorias sobre o conceito de jornalismo literário. Vale ressaltar que nossa proposta consiste em uma pesquisa para compreender e tentar contribuir com esse campo que consideramos em construção.

3- JORNALISMO LITERÁRIO

Dos pesquisadores mais representativos sobre jornalismo literário podemos destacar Edvaldo Pereira Lima, professor da USP e participante da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, como um dos fundadores. Felipe Pena que publicou pela editora Contexto o livro *Jornalismo Literário* (2006) e Gustavo de Castro. Em seguida, destacaremos alguns dos pontos importantes sobre a pesquisa de cada um desses estudiosos, no que diz respeito às construções do conceito de jornalismo literário.

Uma análise importante sobre jornalismo literário está presente no livro *Jornalismo Literário: uma introdução* (2010), de Gustavo de Castro, jornalista, poeta, escritor e professor da Faculdade de Comunicação da UnB. Podemos perceber um ponto de partida para entender o conceito de jornalismo literário quando Castro (2010) explica que:

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire* e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço de rotinas de produção jornalística. Jornalismo literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É por isso mesmo, um tipo específico do

fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo [...] (CASTRO, 2010, p.5).

Assim, percebemos o caráter interdisciplinar entre o jornalismo literário e outros campos do conhecimento, no caso da relação com a literatura, técnicas narrativas e estilísticas. No que tange aos objetivos do jornalismo literário, Castro (2010), referindo-se a relação com a reportagem, destaca dois pontos principais:

1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico através do recurso da literariedade e da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e de narradores que, a meu ver, só enriquece a leitura e o jornal. (No Brasil, por exemplo, um estilo ainda pouco utilizado é o do “Jornalismo de Autor”, ou em primeira pessoa, semelhante ao que o cinema e a literatura já fazem amplamente de forma rica e saudável) e 2. Apostar no prazer da escritura do texto (CASTRO, 2010, p.7).

Castro (2010) faz uma gênese do jornalismo literário remontando os precursores desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até chegar a Modernidade. Ao utilizar como exemplo os escritores Honoré de Balzac, Charles Dickens, Mark Twain e Fiodor Dostoievski, quer demonstrar a presença de características da convergência entre a literatura e o jornalismo. É evidente que não se trata do surgimento do jornalismo literário como campo ou área do conhecimento, mas são as referências de textos que já apresentavam essa utilização dos fatos do “real”, narrados sob a perspectiva dos estilos encontrados na literatura. Nesse sentido, para Castro (2010):

Dizer que o JL nasceu com os americanos é reduzir por demais o alcance histórico dessa experiência narrativa, por isso, podemos dizer que o New Journalism sim, teve início com eles, mas que a forma de relatar literariamente um acontecimento aos seus contemporâneos através do recurso da ficcionalidade é mais antiga que a invenção da imprensa (CASTRO, 2010, p.21).

O autor segue discutindo sobre a chamada Literatura de Realidade, Literatura de Complexidade e Literatura de Hiper-Complexidade para fazer uma comparação entre “valor notícia” e “valor narração”, a partir da teorização de Mario Wolf. Nesse sentido, o primeiro valor estaria ligado ao jornalismo factual, imediato e o segundo mais conectado ao “extemporâneo” (CASTRO, 2010). Nesse seguimento, o jornalismo literário encontra-se entre esses dois “valores” em uma relação de dialogismo (Bakhtin) e sobre a relação jornalismo e literatura ainda explica que:

O interessante é que, em ambos os casos, eles utilizam-se da mesma matéria prima: a palavra. Ambas arrogam-se como métodos diferentes para alcançar a verdade, pelo

menos uma verdade, a sua. Ao que parece, há um outro aspecto em que elas são complementares: são expressões do olhar do homem no mundo e do olhar que olha esse olhar. Existe entre elas uma troca simbiótica, qual a relação entre ficção e realidade, de modo que podemos falar de um Jornalismo Literário semelhante ao que fazem Marcelo Coelho, Daniel Piza, Diogo Mainardi ou de uma literatura jornalística a exemplo de Juremir Machado da Silva, Moacir Scliar e Carlos Heitor Cony (CASTRO, 2010, p.31).

Nessa mesma proposta de historicizar o jornalismo literário, Daniel Piza (2008), afirma que ele não é invenção da revista *The New Yorker*, apesar de ser praticado nela com dedicação, “o jornalismo literário vem desde os romancistas ingleses dos séculos XVIII e XIX, como Daniel Defoe, Charles Dickens, e é presença forte na literatura de americanos como Jack London, James Agee [...] e o citado Hemingway, que cobriu guerras e terremotos” (PIZA, 2008, p.24).

Dando continuidade, para tentar sintetizar o pensamento de Castro (2010) sobre a definição de um conceito, o autor explica que jornalismo literário

[...] é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política, etc. É uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento com sabedoria e bom senso (CASTRO, 2010, p.8-9).

Felipe Pena (2006) propõe um conceito para o jornalismo literário baseado na potencialização dos recursos jornalísticos e sugere uma sistematização em subgêneros, biografia, romance reportagem, entre outros. Nesse sentido,

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p.6).

O autor discute qual é a forma que o jornalista literário deve se posicionar diante dos conhecimentos adquiridos no jornalismo diário, não ignorando os mesmos. Em relação às técnicas narrativas, o profissional deve “desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2006, p.7). Por isso,

A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p.7).

A proposta de Felipe Pena baseia-se na concepção de sete pontos, que o autor chama de “estrela de sete pontas” do jornalismo literário: 1- potencializar os recursos do jornalismo; 2- ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; 3- proporcionar uma visão ampla da realidade; 4- exercitar a cidadania; 5- romper com as correntes do lide; 6- evitar definidores primários; 7 - buscar a perenidade (PENA, 2006).

Sérgio Vilas Boas explica, na introdução do livro *Perfis: e como escrevê-los* (2003), que o jornalismo literário também é conhecido como literatura de realidade, literatura de não-ficção ou *creative nonfiction*. Vilas Boas (2003) define o jornalismo literário como um estilo que “foge das fórmulas rígidas de estruturação”. Sendo “uma filosofia e uma técnica (narrativa) literária” que, nesse sentido, “aplica-se a qualquer área de cobertura jornalística” (VILAS BOAS, 2003, p.10).

Com essa proposta, observamos uma oposição aos estudos de Gustavo de Castro (2010) que faz a diferenciação entre jornalismo literário e literatura de realidade, explica que mesmo que se tenha convencionado a tratar-se como se fossem a mesma prática, a diferença está no fato que ao afirmar que o jornalismo literário é o mesmo que literatura de realidade “exclui outras dimensões da realidade (que vão além da dimensão social) e envolvem esse tipo de jornalismo” (CASTRO, 2010, p.23).

Sobre a produção de jornalismo literário, podemos citar o livro *Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros* (2007), organizado por Sérgio Vilas Boas e publicado pela editora Summus. Trata-se de uma coletânea de textos sobre “narrativas de pessoas reais e suas experiências” (VILAS BOAS, 2007, p.7) produzidos pelos alunos dos cursos de Pós-Graduação em Jornalismo Literário da ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário). Nessa mesma publicação, Edvaldo Pereira Lima afirma que o autor de jornalismo literário “precisa mergulhar na realidade com a alma, fé, força, lucidez e emoção e inteligência. [...] A habilidade narrativa mescla-se à visão de mundo arejada, integra-se a outra vontade-diretriz, que é a de conscientizar o autor de seu papel de co-transformador da realidade” (VILAS BOAS, 2007, p.11-12).

Nesse contexto, recorreremos ao conceito explícito por Edvaldo Pereira Lima que descreve o jornalismo literário como uma:

Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo (LIMA,

Edvaldo Pereira. Disponível em <<http://www.abjl.org.br/>>. Acessado em 10/11/2012).

Compreender o jornalismo literário de forma contextualizada remete ao surgimento do *New Journalism*, movimento específico dos EUA, mas que influenciou escritores e jornalistas em vários momentos e lugares do mundo. No próximo ponto, abordaremos algumas reflexões sobre o surgimento, personalidades e livros representativos, além das manifestações no contexto brasileiro.

3.1- A herança do *New Journalism*

Retomando a pesquisa de Marcelo Bulhões (2007), observamos que a revista *Realidade*, que surgiu em 1966 e foi até 1976, é uma possível representante do *New Journalism* no Brasil, uma vez que tinha como marca a valorização da reportagem e o engenho textual nas suas publicações.

Nas discussões acerca das especificidades do *New Journalism*, encontramos uma possível resposta para as questões relacionadas ao lugar que se insere no campo do conhecimento. Esse pensamento está explícito no seguinte trecho:

O *New Journalism* não foi exatamente um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto classificatório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvidas em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais [...] (BULHÕES, 2007, p.145).

Das primeiras referências do *New Journalism*, podemos citar a reportagem-perfil de Joe Louis escrita por Gay Talese e publicada em 1962 na revista *Esquire*, seguida por textos publicados de Tom Wolfe, Norman Mailer, entre outros.

Para citar uma referência importante para as pesquisas sobre o *New Journalism*, o livro *Radical Chic e o Novo Jornalismo* (2005) de Tom Wolfe, um dos jornalistas citados como criadores do estilo. A obra discute as questões que tornaram o Novo Jornalismo fascinante e inovador. Wolfe (2005) relata sua experiência e postura no seguinte trecho:

Descobertas que considero cruciais para qualquer pessoa interessada em escrever. Primeira: existem quatro recursos específicos, todos realistas, subjacentes à qualidade de envolvimento emocional dos mais potentes textos em prosa, sejam eles de ficção ou não-ficção (WOLFE, 2005, p.7).

Anteriormente, vimos que Gustavo de Castro (2010) destaca que as origens do

jornalismo literário antecedem ao movimento do *New Journalism*. Mas podemos considerar que o Novo Jornalismo colocou em evidência uma nova forma de fazer jornalismo, além de impulsionar a criação e divulgação dos livros-reportagem.

Em sua pesquisa sobre jornalismo literário, Castro (2010) concentra no capítulo “O novo jornalismo: estilo inovador” as reflexões históricas e discussões sobre conceitos e autores representativos desse estilo jornalístico.

Mas vale ressaltar que sobre essa temática podemos levantar algumas questões: O *New Journalism* se trata de um movimento? Um estilo ou gênero jornalístico/literário? Ou seria uma forma de escrever que não se encaixa em medidas definidoras e qualificadoras dentro das áreas da linguagem? (CASTRO, 2010).

Para Castro (2010, p.47), o *New Journalism* é um novo estilo de reportagem, inovador, caracterizado por “uma escrita mais elaborada, sofisticada”. O *New Journalism* reformou a rotina de produção e apuração de uma história. A proposta é que o repórter passe mais tempo com as fontes para cobrir cada história. É uma apuração meticulosa. *A Sangue Frio* (1966), de Truman Capote, é o livro considerado como o primeiro desse estilo. Capote levou seis anos na investigação do assassinato da família Clutter (1959) na cidade do Kansas nos EUA e, então, o material dessa apuração deu origem ao famoso livro-reportagem. Como expoentes do *New Journalism*, além de Capote, podemos citar Tom Wolfe, Hunter S. Thompson, Norman Mailer, Gay Talese, Joan Didion (CASTRO, 2010).

3.2- Jornalismo Literário: modos de fazer

Destacaremos alguns dos modos de fazer jornalismo literário, com o objetivo de entendermos algumas das especificidades de cada “subgênero” (PENA):

Biografia

Dos livros de não-ficção, as biografias alcançaram um relevante destaque no mundo editorial. No estudo sobre as aproximações e afastamentos entre jornalistas e historiadores, no que diz respeito às biografias, Benito Bisso Schmidt (1997) comenta que a tendência para escrever esse gênero teve um aumento significativo nos anos noventa, tendo os jornalistas como maiores cativadores do público e da crítica, através de textos criados a partir de pesquisas minuciosas e estilo de escrita envolvente. Desse modo, Schimdt (1997) afirma que, apesar da dificuldade de desvendar a emergência das biografias no “âmbito” do jornalismo, pode “verificar que tal processo relaciona-se com o impacto do movimento chamado *New*

Journalism.” (SCHIMDT, 1997, p.3). De acordo com o autor, “o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas” (SCHIMDT, 1997, p.5).

Sérgio Vilas Boas na obra *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens* (2002) destaca que no Brasil biografias escritas por biógrafos com formação e/ou experiência em jornalismo estão se destacando nas listas de livros mais vendidos. À exemplo, *Chatô, Mauá e Estrela Solitária*.

Por ser um gênero híbrido e intercultural, de acordo com Vilas Boas, utilizar as expressões literária, jornalística ou científica para caracterizar as biografias seria reducionista, “omitem mais do que explicam, limitam mais do que abrangem” (VILAS BOAS, 2002, p.17).

Como prática jornalística avançada, a biografia, tal qual livro-reportagem, pode inspirar-se no legado no Novo Jornalismo (*New Journalism*). Cabe aqui um parêntese: qualquer movimento, filme, partido, filosofia de vida ou teoria aposta ou anteposta às palavras ‘novo ou ‘nova’ levanta suspeitas. Até porque o novo simplesmente envelhece um dia (VILAS BOAS, 2002, p.20).

Perfil

Vilas Boas (2003), na pesquisa que dedicou aos perfis explica que a diferença entre livros de biografias e os perfis encontra-se no recorte do tempo que é utilizado na hora de escrever. Enquanto no primeiro os autores precisam analisar todos os detalhes da vida do biografado, já no segundo podem focalizar momentos específicos da vida da pessoa (VILAS BOAS, 2003, p.13). Sobre o ato de escrever perfis:

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir (VILAS BOAS, 2003, p.13-14).

Vilas Boas (2003) mostra que há algumas definições para classificar os perfis: biografia de curta duração (Weinberg); “reportagem narrativo-descritiva de pessoa” (Coimbra); autores que diferenciam perfil e miniperfil (Sodré e Ferrari); e cita a expressão “histórias de vida” utilizada no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais (VILAS BOAS, 2003, p.16).

Considerando o perfil como um gênero importante da reportagem interpretativa, Daniel Piza (2008) também acrescenta uma crítica sobre a forma que os perfis aparecem no

jornalismo brasileiro. Nesse aspecto, “os perfis terminam sempre glamourizando o personagem (detalhando alguns de seus gestos elogiáveis, por exemplo) ou desancando-o (dando corda para seus detratores), dois erros semelhantes pelo fato de que põem o autor à frente da obra” (VILAS BOAS, 2003, p.84).

E ainda completa que para ter um bom perfil não se pode esquecer que o personagem “está em destaque pelo que fez ou pela reputação que ganhou fazendo o que fez. É intimista, sem ser invasivo; e interpretativo, sem ser analítico” (VILAS BOAS, 2003, p.84).

Livro-reportagem

De acordo com Vilas Boas, em *Biografias e biógrafos* (2002), a narrativa jornalística, assim como a história, possui modalidades para “ajudar os leitores a compreender o passado” (VILAS BOAS, 2002, p.20). Nesse seguimento, conforme o autor:

Uma delas é não periódica, cobre amplas faixas de tempo, interage com várias áreas do conhecimento (a História e a Sociologia incluídas), possui mecanismos sofisticados de captação da realidade distante e imediata e de estruturação e de redação de texto: o livro-reportagem (VILAS BOAS, 2002, p.20).

Segundo o estudioso Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (1995), o livro-reportagem é caracterizado por explorar o gênero reportagem com profundidade. Como nos exemplos de obras como *A Sangue Frio* e *Chico Mendes: crime e castigo*, pode-se levar anos de apuração, até mesmo décadas, uma vez que é necessária uma investigação determinada e exaustiva. A outra particularidade do livro-reportagem, no referente à linguagem e forma de escrita, se trata do estilo narrativo-literário.

4- BREVE ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM “CHICO MENDES: CRIME E CASTIGO” DE ZUENIR VENTURA

Zuenir Ventura nasceu em Além Paraíba, Minas Gerais. A primeira formação foi em Letras pela UFRJ, instituição onde logo depois trabalhou como assistente de Celso Cunha gramático e filólogo. Depois trabalhou como arquivista na *Tribuna da Imprensa* a partir de 1957, para em seguida fazer o Curso de Formação de Jornalistas em Paris e tornar-se correspondente internacional da *Tribuna*. Chefe de reportagem da revista *O Cruzeiro*. Em 1989 recebeu o prêmio *Jabuti* de reportagem pelo livro *1968: o ano que não terminou* (1989). Os outros livros publicados pelo autor são: *Cidade Partida* (1994); *Inveja: Mal Secreto*

(1998); *Chico Mendes: Crime e Castigo* (2003); *1968: O que fizemos de nós* (2009); *Sagrada família* (2012).

Neste artigo, no seguinte tópico, abordaremos algumas características do livro *Chico Mendes: crime e castigo*, observando os aspectos atribuídos à produção do que definimos como jornalismo literário.

4.1- O livro-reportagem: como tudo começou

Como parte dos objetivos dessa pesquisa, nos deteremos na análise de alguns aspectos específicos do livro *Chico Mendes: crime e castigo*, publicado em 2003, pela editora Companhia das Letras, na *Coleção Jornalismo Literário*. Esses aspectos são a narratividade e os recursos estilísticos da literatura. A série de reportagens que deu origem ao livro levou Zuenir Ventura a ganhar os prêmios *Esso de Jornalismo* e o *Wladimir Herzog* de direitos humanos.

Zuenir Ventura foi enviado ao Acre em 1989 como repórter especial do *Jornal do Brasil*, convidado pelo então diretor Marcos Sá Correia, para apurar os acontecimentos logo depois da morte de Chico Mendes. Sobre essa experiência relata Ventura:

Eu já tinha mais de trinta anos de carreira quando cheguei a Rio Branco, sem saber direito quem era aquele fascinante personagem. Só depois que ele morreu, aos 44 anos, é que o Brasil descobriu haver perdido o que custa tanto a produzir: um verdadeiro líder (VENTURA, 2003, p.6).

Biografando o personagem que tanto fascinou Ventura, Chico Mendes foi um seringueiro e ativista ambiental que se dedicou principalmente à preservação da Floresta Amazônica. Nasceu na cidade de Xapuri no estado do Acre em 1944. Chico Mendes foi um notável líder sindicalista e devido a desentendimentos com fazendeiros, que pretendiam explorar a floresta e atividade dos seringueiros, foi assassinado em sua própria residência em 1988. Nesse contexto, Ventura narra no início do livro acontecimentos que levaram a morte de Chico Mendes e a repercussão do caso no contexto internacional:

À frente dos seringueiros que organizou, ele desenvolveu táticas pacíficas de resistência com as quais defendeu a Amazônia, que a partir dos anos 70 sofrera um acelerado processo de desmatamento para dar lugar a grandes pastagens de gado. Fazendeiros do Sul, com incentivos do governo militar, passaram a expulsar posseiros e índios para instalar seus rebanhos nas terras devastadas pelo fogo. Chico não só lutou contra a devastação como chamou a atenção do mundo para essa luta (VENTURA, 2003, p.6).

A “morte anunciada de Chico Mendes” ocorreu no dia 22 de dezembro de 1988. Zuenir Ventura relata os fatos que antecederam o assassinato que se tornou uma das primeiras

discussões do caso:

Anunciou incansavelmente. Poucas vezes a polícia contou com uma lista de acusados – mandantes, executores, cúmplices – fornecida pela própria vítima. Por meio de cartas, artigos, entrevistas, Chico denunciou os suspeitos a todas as autoridades, incluindo o presidente da República (VENTURA, 2003, p. 7).

(...)

Nos meses que antecederam sua morte e enquanto se fechava o cerco sobre ele, Chico escrevia, ia às redações, procurava políticos, falava, gritava. Era uma ação desesperada que impressiona até hoje. Só não impressionou as autoridades da época (VENTURA, 2003, p.7).

Após quinze anos da morte de Chico Mendes, Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, tomou a iniciativa de transformar as reportagens em livro. A partir daí, foram feitas pesquisas para descobrir o que tinha acontecido aos personagens e o resultado é uma obra dividida em três momentos: “O crime” com as reportagens feitas na primeira viagem de Zuenir Ventura ao Acre, poucos dias após o assassinato de Chico; “O castigo”, com a série de textos escritos durante o julgamento dos principais acusados, Darly e Darci Alves; “Quinze anos depois”, quando Zuenir Ventura revive o percurso que tinha feito anos atrás para dar um tipo de finalização narrativa as histórias dos principais personagens e averiguar, como o próprio autor revela, o que restou na memória e na atitude dessas pessoas do Chico Mendes.

Cada parte é constituída por reportagens que foram publicadas no “Jornal do Brasil”. No primeiro momento, essa disposição pode nos levar a duvidar da existência de uma unidade narrativa. Suposição que se prova equivocada, como veremos na breve análise dos capítulos. De início, podemos pensar em uma unidade narrativa a partir da temática. Chico Mendes aparece não somente como personagem, mas, principalmente, como tema universalizante da obra.

De início percebemos que cada capítulo-reportagem tem um personagem principal, e que podemos acompanhar a trajetória de cada um, mesmo que seja na parte final em que encontramos os personagens quinze anos depois do assassinato de Chico Mendes.

4.2- O crime, o castigo e quinze anos depois

Nesta primeira parte do livro, a história inicia-se pelo dia da morte de Chico Mendes. Em “O tiro que foi ouvido no mundo todo”, temos um narrador em terceira pessoa que evoca falas e sentimentos dos personagens envolvidos:

“Foi um estouro, um tiro tão violento que estremeceu a casa”, não se esquecera nunca Ilzamar. Ouviu a “zoada”, mas não sabia de onde vinha. Chegou a ficar zozna. Correu então à janela, mas não viu ninguém: a rua vazia, a delegacia quase em frente,

a sessenta passos, incompreensivelmente quieta. Os dois policiais sentados em cadeiras na calçada, impassíveis, davam a suspeita impressão de que só eles não tinham ouvido o tiro. Nesse momento Ilzamar teve um pressentimento: “O Chico tá no banheiro e atiraram nele” (VENTURA, 2003, p.12).

Zuenir Ventura emprega técnicas literárias de narração, mas os fatos só puderam ser apurados anteriormente à escrita por entrevistas e investigações. Seguindo com a narração, Ventura mostra como Chico Mendes pensava sobre a situação da morte inevitável:

Chico Mendes acertou quando anunciou que ia ser morto, mas errou ao achar que sua morte poderia ser inútil. Aquele estouro que Ilzamar ouviu, no começo de 22 de dezembro de 1988, chegou ao mundo todo. Nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe – até hoje (VENTURA, 2003, p.15).

Outro personagem importante do livro-reportagem, Genésio, é testemunha-chave para o julgamento dos principais suspeitos da morte de Chico Mendes. Darly Alves, suposto mandante, e Darci Alves, o executor do crime. No capítulo “Como se criam pistoleiros”, Zuenir Ventura traça um perfil do menino Genésio, seguem os trechos:

Genésio, catorze anos, dos quais sete vivendo na fazenda do maior inimigo de Chico Mendes, o pistoleiro Darly Alves da Silva, é, depois do próprio Chico, o personagem mais interessante desse processo (VENTURA, 2003, p.20).

Genésio Ferreira da Silva é um cidadão precoce que o destino tentou pela convivência e pelo exemplo transformar em pistoleiro. Só o mistério da índole, na falta de outra palavra, pode ter impedido esse menino de seguir a carreira dos irmãos de criação e do pai adotivo. Mas nem isso nem a condição de testemunha-chave do processo de Chico Mendes evitaram o desamparo e a solidão de uma criança que resolveu escolher o atravancado caminho da legalidade numa terra onde ela ainda não pegou. Genésio resiste – resta saber até quando (VENTURA, 2003, p.24).

Os capítulos dessa primeira parte contemplam os personagens envolvidos nas investigações, como delegado Nilson Alves de Oliveira, as duas viúvas de Chico Mendes, Ilzamar e D. Eunice, Osmarindo Amâncio, o juiz Adair Longuini, entre outros. Encontramos reproduções de entrevistas, dos diálogos de forma direta e indireta. Reproduções de depoimentos na íntegra.

A técnica literária conhecida como fluxo de consciência consiste na apresentação de características psicológicas nos personagens (HUMPHREY, 1976), no caso da obra de Zuenir Ventura, observamos esse aspecto tanto no narrador quanto nos personagens. Nesse seguimento, o seguinte trecho revela uma consciência de culpa na colocação do narrador:

Aquela mulher outrora bonita, talvez, que não consegue mais rir, estava agradecida pelo presente aos filhos – e eu arrasado de culpa. Tinha invadido uma choupana e extorquido coisas que não tinha o direito de retirar daquela alma pura e daquela casa

ingênua onde a malícia não costuma entrar. Naquela hora, eu dava tudo para ser um marreteiro (VENTURA, 2003, p.41).

Sobre os aspectos concernentes a representação dos diálogos, o livro de Ventura se destaca por unir narração, descrição e diálogo na composição de “cenas” significativas e enigmáticas que contribuem para a convergência da factualidade com a literariedade:

Deprimido, saí e fui direto ao quartel da PM. Quando voltava à cidade – e em um mês isso se repetiu oito vezes – a primeira coisa que fazia era ir, com o coração na mão, ver o garoto Genésio. Havia sempre o pressentimento de que algo poderia ter ocorrido àquele menino completamente desprotegido. Mas ele estava sempre lá, como o deixara, sentado, misterioso, insondável, olhando não se sabe para que horizonte. Só Genésio, a testemunha-chave, resiste.

- Oi, Genésio.

- Oi.

- Tudo bem

- ...

Genésio só respondia quando era importante responder (VENTURA, 2003, p.57).

Entre outros recursos estilísticos, podemos destacar o uso das figuras de linguagem. A conotação empregada em algumas palavras e expressões serve para reforçar a expressividade dos acontecimentos. Nos seguintes trechos retirados do livro, observamos, no primeiro, o emprego metonímico do nome Chico; no segundo trecho, podemos perceber o sentido de hipérbole na última sentença.

Durante um mês, encontrei cada líder com quem conversava um pedaço de Chico. Depois, somei todas as partes e, por mais que somasse, nenhum resultado deu um Chico Mendes inteiro (VENTURA, 2003, p.75).

Genésio, o durão, que não tinha medo, que se orgulhava de não chorar, desabava. Sem lenço, recorria à camiseta verde, que ficou encharcada. Genésio chorou naquela hora catorze anos. (VENTURA, 2003, p.85).

A segunda parte da narrativa, O castigo, tem início na narração dos preparativos e execução do julgamento dos principais acusados da morte de Chico Mendes:

O julgamento dos principais réus – Darci Alves Pereira, 23 anos, acusado de autoria da morte, e seu pai Darly Alves da Silva, 56 anos, suspeito de ser mandante do crime – começou às oito horas (11h de Brasília) do dia 12 de dezembro de 1990, quase dois anos ou 720 dias depois do assassinato de Chico Mendes (VENTURA, 2003, p.93).

Zuenir Ventura apresenta, nessa parte do livro trechos do depoimento da confissão de Darci, quatro dias após o assassinato e descreve encontro que teve com os réus seis meses antes de iniciar o julgamento. Na reprodução do texto, a seguir, podemos perceber que o

escritor utiliza-se de outra técnica atribuída à escrita literária, a comparação:

Chegou num passo tão rápido que parecia saltitar. A sua magreza lembrava um galho seco a que se tivesse enrolado uma folha de pele curtida pelo sol que mal cobria o esqueleto. Se houvesse o movimento brusco da ponta de um osso, haveria o risco de fura a pele. Era uma lagartixa ereta, se o bicho não fosse inofensivo (VENTURA, 2003, p.104).

A cobertura do julgamento, realizado em quatro dias, foi feita por Zuenir Ventura com ajuda do jornalista Marcelo Auler. Que podemos sintetizar nos títulos dos capítulos: “Darci confessa o crime para livrar o pai”; “Tribunal condena Darci e Darly a dezenove anos de prisão”; “Um juiz de direito”, este último relata a organização e presteza do juiz do caso.

Depois do julgamento de Xapuri – que, talvez pela primeira vez, condenou um mandante – outra justiça precisa ser feita: um país que é capaz de juntar numa mesma história Chico Mendes, o garoto Genésio e o juiz Adair Longuini é um país que pode ter conserto (VENTURA, 2003, p.132).

A terceira, e menor, divisão do livro, mostra o que aconteceu com os personagens quinze anos depois da morte de Chico Mendes. Começa com a descrição das mudanças da capital do Acre, Rio Branco, até chegar à cidade de Xapuri, retratando o novo problema que a região enfrenta, a biopirataria. Destaca as políticas de combate ao crime organizado e a consciência ambientalista que pode ser considerada como legado de Chico Mendes. Uma particularidade desse capítulo é a apresentação em forma de lista do que aconteceu com os personagens das séries de reportagens. A seguir um exemplo da disposição dessas narrativas:

GENÉSIO FERREIRA DA SILVA – Depois de viver sob a tutela do autor até a maioridade, correu várias cidades, morou em algumas e não chegou a se fixar numa profissão. Esteve sob a responsabilidade do Programa de Proteção às Testemunhas. Seu paradeiro, por razões de segurança, não pode ser revelado (VENTURA, 2003, p.179).

DARLY ALVES DA SILVA – Fugiu da prisão em 1993 e foi recapturado em 1996, tendo sido transferido então para o presídio Papuda, em Brasília. Atualmente está em liberdade condicional, vivendo entre Rio Branco e o Pará, onde comprou terras durante o período que estava foragido (VENTURA, 2003, p.179).

Uma característica notória em todo o livro é a convergência dos gêneros discursivos dentro do próprio livro, com destaque para o gênero jornalístico da entrevista. Anotações, diários, listas, depoimentos, são outros gêneros discursivos que também estão presentes na obra de Zuenir Ventura. Vale ressaltar que os citados gêneros compreendem, inicialmente, os textos denominados de não-ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e discussões sobre a convergência entre os campos do conhecimento jornalismo e literatura, a presente pesquisa apresenta a proposta de pensar as fronteiras de hibridismo dos gêneros discursivos de ambas as áreas e verificar como a narratividade passa a ser um ponto que transcende e ao mesmo tempo une esses dois campos.

Sobre o conceito de jornalismo literário, verificamos que o estilo de escrita literária, utilizando linguagem conotativa, figuras de linguagem e apropriação dos gêneros discursivos, classicamente reconhecidos como literários, aliados a métodos jornalísticos de construção da notícia, formam esse gênero (jornalismo literário) que está presente na mídia jornalística mas ainda precisa de mais visibilidade e valorização.

Compreender a influência do *New Journalism* e os modos de fazer o jornalismo literário contribuiu para entendermos de forma contextualizada as possibilidades de produção desse gênero jornalístico.

Dentro desse panorama, podemos entender que ainda faz-se necessário ampliar as pesquisas sobre jornalismo literário, principalmente para desenvolver a consciência das características que definem esse gênero como jornalístico, mostrando os pilares da reportagem e jornalismo, como a busca dos fatos, entrevista, ética jornalística, entre outros.

O livro-reportagem *Chico Mendes: crime e castigo* mostra a temática da luta pela preservação da Floresta Amazônica, da busca pela justiça no assassinato de um líder notório dessa luta. Nesse sentido, a transmutação do texto das páginas do jornal para as páginas do livro mostra o potencial que o jornalismo literário tem para transformar o convencionalismo que se faz presente em algumas das outras áreas do jornalismo.

A proposta final desse estudo é a tentativa iniciar a pesquisa de novas propostas de apresentação do jornalismo literário em produções contemporâneas.

ABSTRACT

This research aims to discuss, within a historical and theoretical perspective, the concept of “jornalismo literário”, seeking to understand the forming characteristics of this journalistic genre from the relations between knowledge areas journalism and literature. As part of the specific goals, do a study on the influence of *New Journalism* through the critical and historical background, as well as undertake a brief discussion of the ways of doing “jornalismo literário”. The *corpus* of analysis is formed by book *Chico Mendes: crime and punishment*, Zuenir Ventura, published in 2003 by publisher Companhia das Letras. The first

distinction we can do to understand “jornalismo literário” is to understand that it is not journalism about books and authors but, according to the research we present a form of journalism based on experience narrative-literary stylistics. The methodology was based on the literature review and qualitative research on the theoretical assumptions that contemplate reading about “jornalismo literário” and its ways of presenting the perspectives of Pena (2006), Vilas Boas (2003, 2007), Piza (2008) and Castro (2010) . We use also the reflections on the convergence between literature and journalism presented by Bulhões (2007).

Keywords: Literary Journalism. Zuenir Ventura. Literature. Journalism. Convergence.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CORTÁZAR, Júlio. **A Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- HUMPHREY, Robert. **O Fluxo da Consciência**. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1976.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos- chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.
- PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ática, 2007.

SCHIMDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes**: crime e castigo. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio (org.). **Jornalistas literários**: narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Summus, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.